

# *O SEU CASO*

UMA CONFERÊNCIA DADA A 3 DE JANEIRO DE 1960

56 Minutos

Muito obrigado.

Bem, aproximamo-nos da última conferência do congresso deste ano. E normalmente temos mensagens sobre o futuro, e deplorar o passado, e Not-Isar o presente. Usualmente, nós falamos de todo o coração.

Nesta conferência vou falar directamente para dentro e para fora do seu caso. Lamento ter que fazê-lo. Você tem passado bastante bem. De alguma maneira tem progredido. Foi feliz até eu aparecer. Sabia que a única coisa que tinha que fazer era ser cada vez mais irresponsável e conseguiu. Eu sei.

Bem, eu estou a ser duro consigo.

A Cientologia e Dianética incluíram, sem dúvida, os dez mil seres superiores da Terra. Se não acredita nisto e não é auditor profissional... se não acredita, bom, experimente simplesmente alguma audição profissional um dia, e comece simplesmente a apanhar gente ao acaso na rua ou nas enfermarias dos hospitais e por aí fora, e comece a dar-lhes processamento. Você verá... verá que está entre os dez mil seres superiores da Terra.

Agora, eu não estou a tentar torná-lo todo vaidoso. É verdade. É verdade. Você teve cabeça suficiente para saber que não sabia, tal como eu tive senso suficiente para saber que tinha aqui muito que me lembrar, e muito que reorganizar de modo a construir qualquer coisa, pois a maioria da informação tinha sido *zás!* E nós sabíamos que não sabíamos, e isso tornou-nos as pessoas mais inteligentes da Terra. A maioria dos outros acredita que sabe, e isso é o cúmulo da ignorância. O homem mais ignorante do mundo sabe que sabe tudo o que há a saber acerca de tudo. Quando ele é assim tão ignorante, bom... é tão ignorante quanto isso.

As pessoas costumavam chamar a isso "dúvida divina". Uma dúvida divina era necessária para ser um génio. E então penso que uma ou outra seita... esqueci-me da seita... alguma seita disse que a única coisa que você tinha que fazer era encostar-se, e alguma outra pessoa saberia tudo, só que você nunca poderiam falar com ela.

Quando não consegue fazer mais nada com uma população, se você fracassar totalmente em dar-lhes alguma informação, se fracassa totalmente em ajudá-la, se fracassa totalmente em curar qualquer das suas doenças, se fracassa totalmente em assumir qualquer responsabilidade de qualquer tipo, pode sempre inventar algum Deus numa qualquer seita. É uma afirmação cínica, não é?

E no entanto, não é cínica, mas de facto bastante factual. Atribuir responsabilidade total a outra divindade que não a você próprios é a coisa mais invalidativa que pode fazer a si próprio. Você reconhece isso como tal, não é assim?

Você pode sempre obter algum zunido ao passar toda a responsabilidade do universo a Zock, ou a Cronos ou a Titã ou a Batten, Barton, Durstine e Osborn. Isso envolve sempre um certo zunido. Você poderia obter uma mudança.

Este fulano, um dia vai por aí e ele está... sabe, não há emoção alguma, ele está como que morto e as coisas não vão muito bem. A vida é como uma cerveja choca, ou como o interior da luva de um maquinista. E poderia aparecer alguém e dizer: "convertei-vos, convertei-vos", ou algo do estilo, e de repente poderiam entregar toda a responsabilidade por tudo a qualquer outro, algures, e haveria um

*enaaa!* O glee da insanidade ou algo assim, mas de facto sentiriam um *clique* emocional, um *bing* emocional, um *clac emocional*, *e-n-a-a*, de um modo ou outro. Claro que isto subiu assim e depois z-z-z-r-i-u-u bum. Mas, no entanto, alguma coisa aconteceu. O indivíduo soube que tinha acontecido algo. Aconteceu algo emocional. Foi uma experiência emocional de repente prostrar-se de joelhos perante o pregador itinerante e dizer: "Recebi a Palavra", compreende?

E o conhecimento tem tido a reputação de friamente desapaixonado. Mas, ao conhecimento tem sido concedida a frieza desapaixonada de um punhado de cientistas irresponsáveis que, tendo descoberto coisas, não as levaram totalmente até ao fim. Há pouco no camarim estávamos a falar de Einstein e Fermi. Caramba, alguém apanhou um caso e peras! Está a ver, isto é mesmo um caso porque eles não assumiram a responsabilidade através dos desenvolvimentos que fizeram. Sabe? Criaram algo e depois deixaram que fosse outrem a confrontá-lo. Só que ninguém poderia confrontar o que eles desenvolveram, está a ver? Ninguém poderia confrontar o fogo abrasador da fissão atômica a explodir numa cidade cheia de mulheres e crianças.

E naturalmente, o tipo que, como vos contei noutro congresso, deixou cair a bomba atômica sobre Hiroshima, está neste momento num Hospital Psiquiátrico do Texas, totalmente convencido de que está a ser perseguido pelos japoneses. Enlouqueceu. Ele não pôde confrontar um overt de tal magnitude e, evidentemente, a única assistência mental existente não tinha senso suficiente para percorrer responsabilidade na acção. Nós poderíamos salvar-lhe a pele com bastante facilidade. Mas quando se chega a um overt de tal magnitude, eu costumo bocejar e dizer: "Porquê?" "Porquê fazer algo pelo fulano?" Sabe, isso é simplesmente um overt demasiado grande para eu... eu me esforçar por fazer alguém recuperar dele.

Mas quanto a isso, eu estou de facto a cometer um erro porque provavelmente esse é o tipo que está a manter muito deste *roau-rrhar* atômico, está a ver? Ele tem o maior overt, e por conseguinte irá tê-lo todo misturado nas linhas do destino ou coisa assim, está a ver? E provavelmente alguém o devia dissipar.

Mas eu tenho sido encarregado da justiça e do bem-estar público demasiadas vezes em demasiados lugares diferentes... eh pá, esta é uma asserção depreciada. Bom, seja como for, demasiadas vezes e em demasiados lugares para não ter uma espécie de instinto sobre este tipo de coisas, sabe? Eu vejo alguém chegar com uma pistola desintegradora e rebentar com a cabeça de um bebé, sabe, só para se divertir, e por qualquer razão, eu não tenho um impulso imediato de ir ter com esse tipo e consolá-lo. Simplesmente não tenho.

Sei que é uma deficiência minha. Talvez seja o meu padrão de treino. Eu tenho um impulso que é bastante oposto, entendem, e esse é pegar na pistola desintegradora e rebentar com a cabeça dele, lentamente. Agora, isso é um mecanismo de estímulo-resposta, naturalmente, mas é mais ou menos desta maneira que as coisas têm funcionado. Porém isto é uma coisa péssima, algo mau, o mecanismo do castigo. Contudo, se não há mais nada, é melhor do que nada. Mas de facto piora a condição, porque castigá-lo põe fora de controlo e fora do seu controlo, a coisa pela qual ele está a ser castigado, e por isso tem a tendência de confirmá-la como um crime contínuo.

Todo o castigo tende a confirmar que os crimes estão num estado de continuidade. Você castiga um tipo o suficiente por alguma coisa, e lá vai ele. Irá fazê-la outra vez. Você reduziu a sua capacidade de controlar essa coisa. Mande um homem para a cadeia por roubar um carro, depois não se admire se, quando sair da prisão, nas quarenta e oito horas seguintes fora da prisão, ele for roubar um carro. Ele sabe do que é que não se pode refrear: roubar carros. Logo vai e rouba um carro. Entende a ideia? Ele conhece a sua área de irresponsabilidade, assim essa é a sua área de irresponsabilidade. O castigo assinalou-lha.

Em vez de o ajudar a recuperar a sua área de responsabilidade e assumir

responsabilidade... ajudá-lo a assumir o fardo da responsabilidade, bem, as pessoas encarregadas da lei e da ordem, da justiça, da consciência social, de todo esse tipo de coisas, realmente tornaram impossível que este indivíduo se recuperasse e se reabilitasse.

Contudo há este ponto. Você vê alguém rebentar a cabeça de um bebê com uma pistola desintegradora, e simplesmente não têm o impulso instantâneo de ajudá-lo. Isto foi simplesmente um overt demasiado grande. Está a ver?

Bom, o motivo para não o fazermos é que não conseguimos confrontar overts tão facilmente e assim tão grandes. Percebe a ideia? Quero dizer que se trata apenas de uma falta de confronto da nossa parte.

Assim, eu vou falar do seu caso.

Se um tipo não pode confrontar um overt que cometeu, este, naturalmente, tem que ser posto em automático. Por isso voltará a fazer o mesmo! E então, ao voltar a fazê-lo, não pode confrontá-lo... não pode confrontá-lo duplamente, está a ver, e assim voltará a fazê-lo outra vez. E agora já o fez três vezes, e não confrontou nenhuma parte disso; bom, naturalmente, irá fazê-lo uma quarta vez.

E aí obtemos todo o mecanismo da dramatização, descrito em *A TESE ORIGINAL; DIANÉTICA: O PODER DA MENTE SOBRE O CORPO* e por aí fora.

Ao ser incapaz de confrontar um overt, a pessoa não assume responsabilidade por esse overt de maneira nenhuma, ou forma, nem sequer pode reconhecê-lo como overt, e assim este entra em automático, porque a pessoa realmente cometeu-o. Depois tem que ser outra coisa que está a fazer tudo isto, e a pessoa cria uma falsa personalidade que depois faz as coisas, porque ela própria não pode confrontá-las. Ela não pode assumir responsabilidade por isso. Portanto, a dramatização pode voltar a ocorrer. Assim, uma pessoa pode ficar doente, vez após vez, após vez, após vez, com a mesma doença. Para começar não conseguiu confrontar esta doença, por isso, ficou com ela. E tendo esta doença, não conseguiu ser responsável por ela, e assim a apanhou outra vez. E daí obtemos a natureza recorrente da doença.

A propósito, as pessoas não têm muitas doenças. Uma determinada pessoa só tem um pequeno conjunto de doenças, e são basicamente as coisas que não pode confrontar. Mas qual foi a primeira coisa que não pôde confrontar? Não pôde, provavelmente, confrontar ter causado a doença a outra pessoa. E não tendo sido capaz de a confrontar noutra pessoa, então voltou a causá-la a outra, e outro overt e outro overt e outro overt. Ele continuou a ver isto ocorrer, e então o que é que ele fez? Refreou-se causando a doença a si próprio. Essa foi a sua derradeira tentativa de se impedir de fazer isto. Foi mais ou menos assim que aconteceu. E existe... seria um pequeno conjunto destas coisas, e um tipo que segue a profissão médica inventa 8.762 nomes por centímetro quadrado para todas estas diversas doenças e atribui-lhes nomes muito retumbantes e sem sentido que soam a latim, e todas elas se reduzem a um overt. É tudo!!

Ora bem, *qualquer* pessoa pode ser uma vítima. Tu. Tu. Tu. Você pode ser uma vítima. Agora, eu tenho de facto feito bastante quanto a este tema. De vez em quando audito alguém ou deixo-me auditar com algum processo totalmente inverso. Eu tinha que descobrir se tínhamos uma versão final disto, e na realidade eu mesmo não era capaz de confrontar submeter alguém totalmente à agonia de ser uma vítima. Sabe?, simplesmente auditar a pessoa como vítima. Não: "que vítima podes confrontar?", sabe?, ou "onde poderias comunicar com uma vítima?" ou algo assim, mas somente: "sê uma vítima", sabe? Naturalmente, isso faria key-in de praticamente todo o fac-símile, acidente, queimadura, torriscada, e tudo o mais existente na banda do tempo completa, Está a ver? Somente: "sê uma vítima". "Que espécie de vítima poderias ser?", sabe, algo assim.

Uma vez deixei um auditor fazer comigo o que quisesse e disse: "muito bem,

percorre-o, estás a ver? Veremos onde vou acabar”. E obtive uma realidade subjectiva sobre isso, e agora falo de cátedra.

E então? Que importa? Então você morreu queimado, e daí? Então você lançou um mock-up para dentro do gerador de energia atômica, e daí? Então cortaram-no em fatias e partiram-lhe as unhas e entrancaram-lhe os dentes. E daí? Quem se importa? Você podia fazê-lo. Isso poderia acontecer-lhe porque, basicamente, poderiam... estavam a experimentá-lo, e isso é fácil. É muito fácil experimentar algo. Você pode experimentar seja o que for.

Tem que ser bastante habilidoso para conceber a coisa de modo a que possa experimentar um sofrimento ou dor e fingir que não estão a fazer o mock-up disso. C’os diabos, tem que ser bastante astuto para fazer uma coisa assim. Evidentemente que, como já tinha dito aqui antes a um fulano com uma perna partida, não faz nenhum bem dizer que foi ele próprio que causou isso. Ele não o agradece de modo nenhum. Mas o engraçado é que você pode sentir uma perna partida. E... mas dói, e daí? Está a acontecer-lhe *a si*, por isso, está bem.

Está bem se lhe está unicamente a acontecer a você. O que você não quer é que isto aconteça ao próximo. Agora, esse é que é o osso duro de roer, e é por isso que ser vítima não funciona em processamento. Porque um PC pode simplesmente avançar aos tropeços através de qualquer número de fac-símiles, maravilhosamente ajustados de doridos, dores, sofrimentos, agonias e tudo o mais. Ele pode simplesmente atravessar qualquer coisa. Em Dianética ele irá recostar-se ali no sofá e percorrer isto, e percorrer aquilo, e ele irá “... e cortaram-me a cabeça e fizeram-me isto e fizeram-me aquilo e entrancaram-me os dentes...” “e percorre isto e, claro que fica melhor porque estão a eliminar alguns dos fac-símiles básicos e por aí fora. Esse é fácil. Esse é fácil.

Deve ser óbvio para você que esse é o mais fácil, porque é o primeiro processo que nos surgiu, não é verdade? O primeiro processo funcional e que se podia percorrer amplamente era ser uma vítima. Sabe? “O que é que te fizeram?” Todo o Livro Um vai nesse sentido, portanto é óbvio que isso deve ser... qualquer pessoa pode experimentar isso porque qualquer pessoa pode percorrê-lo, Está a ver? Mas confrontar fazê-lo, confrontá-lo a acontecer a outra pessoa, confrontar alguma outra pessoa numa agonia que você causou, é simplesmente um pouco demais. Portanto, quando falamos de responsabilidade ou de causa, as pessoas têm tendência a abandonar-nos aos montões. Desta vez não o farão. Já temos as fileiras reduzidas.

Mas, está a ver, pedimos a estas pessoas que experimentem isto, e elas conseguem experimentá-lo, não há dúvida. Por isso, eu subi e desci pela banda do tempo e por aí fora. E descobri que isto é um truque, sabe? Isto é só um grande truque. Isto é a coisa mais fácil que se pode fazer. E finalmente, o auditor fez-me regressar a tempo presente depois de eu ter desenterrado um monte de fac-símiles de que me tinha esquecido na banda do tempo completa, de uma identidade perdida e todo esse tipo de coisas, em tempo presente. *Ah-ah! E daí?* Claro que pensei que tinha conseguido êxito de uma forma ou outra porque eu não tenho muitos fac-símiles, se é que tenho algum, nesta última vida. E simplesmente pensei que devia estar a esconder alguns que não queria experimentar. Não, não era nada disso. Os únicos que ainda tinha pendurados por aí eram aqueles que eu não queria ver acontecer às pessoas. Percebem?

Agora, você estar aqui e ver isso acontecer além, é duro. Mas estar aqui e ver isso acontecer além e saber que foi você que o fez e o está a causar... a única solução para isso é diminuir o overt. “De qualquer maneira, essa pessoa não era... não valia nada”. Ou “Bom, eu não sou responsável pelo que faço. Sabes, eu só faço isto de vez em quando. Sabes, está um fulano ali de pé e eu simplesmente saco de uma pistola desintegradora e dou-lhe um tiro no estômago, sabe? Quer dizer... só algo que eu faço”.

Haverá situações em que algumas pessoas lhe confessam overt com grande

verborreia, sabe? elas dirão: "Ah, fiz isto e fiz aquilo e fiz isto e contive aquilo, e por aí fora, e fiz isto, aquilo e tudo o mais e por aí fora, e aí estão todos os meus overts e... adeus!" Adeus. C'os diabos, o trabalho mais difícil ainda está todo pela frente. Ele tem que encontrar uma parte pela qual possa assumir responsabilidade; uma parte minúscula pela qual ele possa realmente ser responsável. E depois eles (overts) começam a sair.

Aparentemente, algumas pessoas não estão de modo nenhum a ser auditadas; estão só a gabar-se.

Mas qualquer pessoa pode ser uma vítima. É a coisa mais ociosa. Essa é a coisa mais ociosa.

Ser causativo e capaz de confrontar os overts cometidos contra outrem, que não estamos a experimentar, esses são os difíceis.

Ora, quando uma pessoa foi um suicida, ela olha retrospectivamente para essa vida em que foi suicida como se fosse uma coisa inteiramente à parte, e aparentemente ela agora está de fora dessa vida, mas é muito difícil olhar para trás e dar-se conta que pôs fim à sua própria vida. Por isso, tenta interiorizar-se nessa vida, já que é fácil ser vítima e é difícil estar aqui em tempo presente a olhar para esse overt em retrospectiva. Assim, este é o mecanismo de bloqueio da banda do tempo, e é assim que a pessoa volta a fugir de identidades que ofendeu ou defraudou. É assim que a pessoa vai para a banda do tempo passada e fica presa. E o caminho para sair disto é simplesmente assumir a responsabilidade, como processo principal, ou ser capaz de confrontar, como processo secundário, os overts por si cometidos lá atrás. Claro que você começa a sair deste material de toda a banda do tempo a toda a força. É fácil ficar preso na banda do tempo. É uma coisa difícil estar em tempo presente e saber tudo e todos os lugares onde esteve. Porque é como que tem que confrontar em retrospectiva, sabe? Tem que estar disposto a ser responsável por ter sido tão cabeça de burro, e aqui entre nós, amigo, você tem sido uma cabeça de burro.

Eu sei que *você deve* ter sido, porque eu recordo algumas das burrices que eu tenho feito em vários pontos ao longo da linha e digo: "Ena pá, *uiii!*" Não é minha intenção ser mais criativo que ninguém, mas...

Não há muito tempo eu estava a examinar uma situação política aqui mesmo na Terra, e tive que me sentar ali desapaixonadamente e examinar todas as minhas decisões relacionadas a esta decisão imediata, e exactamente onde tinham levado e como podia alguém ser tão estúpido, sabe? Como foi possível alguém ser estúpido ao ponto de tomar estas várias séries de decisões que acabaram nesta confusão. Ninguém... Sabe? Política?, isto não podia ser política, parecia mais o tipo de diplomacia que eles usavam antes da Primeira Guerra Mundial. E no entanto, posso dizer que tive coragem suficiente para dar uma vista de olhos às decisões envolvidas nesta pequena e insignificante situação política de pouca monta. Tudo resultou mal. Está a ver? Sem dizer: "Bom, eu estava doente nessa altura". Sem dizer: "Bom, olha, isto é assim; naqueles tempos não se sabia muito de política", ou "A razão que me levou a tomar essas decisões é que nessa época os meus serviços secretos de informação eram muitos deficientes e baseavam-se fundamentalmente numa série de cartas do meu irmão que, claro, como descobri mais tarde, era um idiota".

Ser capaz de olhar desapaixonadamente para o que se fez, sem escrever dezoito *Enciclopédias Britânicas* de desculpas para explicar como tudo aconteceu, requer uma quantidade singular de avaliação fria e serena da sua parte. É quase demasiado desapaixonado para ser expresso em palavras. Fica-se completamente envolvido. Completamente envolvido como irresponsável, irresponsável, irresponsável, irresponsável. "Bom, a razão pela qual eles atravessaram o rio nesse ponto e se depararam com o fogo de mosquetes foi que nessa noite havia nevoeiro e de facto não tínhamos um bom chefe da policia militar no campo,

está a ver? E ele não capturou alguns dos espiões que andavam por lá e por isso eles obtiveram a informação da nossa estratégia. E nós não sabíamos nada do facto deles estarem informados de que nós íamos atravessar o rio nesse ponto... "Todo este palavreado, todos estes disparates, todo este estúpido justificar, justificar, justificar, a culpa é deles, a culpa é deles, a culpa é deles, a culpa é deles, a culpa é deles, eu sou a vítima, eu sou a vítima, eu sou a vítima, eu sou a vítima. Percebe a ideia? A culpa é deles, eu sou a vítima. Está a ver? Afirmções sinónimas: a culpa é deles, eu sou a vítima. "Eu não sabia nada a esse respeito. Eu estava completamente inocente. Estava sentado na minha tenda e os mosquetes dispararam; mataram os homens todos. Se tivesse sabido isso com antecedência, claro, eu..." Quem lhes pediu que acampassem ali?

Você nunca mesmo... não deve mesmo obstruir isto num PC, porque vai diminuindo e por fim ele aborda a situação e diz: "Bom, acaba de me ocorrer que, quando dei a ordem, realmente pareceu-me que esse lugar era muito inadequado para instalar um acampamento. E deixa ver, Ah, ah, sim, ah, ah, ah, sim, sim. Lembro-me que no dia anterior estava muito aborrecido com o exército. Sim, e como que desejava já não ter nada a ver com ele. Agora, acha que isso teve a ver com a escolha desse lugar para acampar?"

Só então é que o PC começa a apanhar-se a si próprio. Só então começa a apanhar-se a si próprio e diz: "Fui eu". Mas sabe que o fez e estava disposto a sofrer quaisquer consequências de o ter feito, e pôde admitir tê-lo causado, o que constitui a definição de responsabilidade. A pessoa pôde realmente admitir tê-lo causado. Não ter causado algo imaginário, mas sim, de facto, admitir ter causado o que aconteceu. E é aí que os incidentes, e por aí fora, simplesmente se desfazem. É aí que vidas se analisam. É aí que você resolve casos.

Agora, o indivíduo que simplesmente diz: "bom, aí tem o meu caso, e sei que sou responsável por tudo. Tenho tudo resolvido". Desbobina muitas coisas do incidente... Ele diz: "de facto, eu era comandante de artilharia na Batalha das Ardenas" ou algo assim... deparam-se com alguém mais tarde na banda do tempo. "Eu fui a pessoa que não fez o fogo de barragem e isso causou a morte de todas as tropas e foi só isso. Pronto, esse incidente está limpo. *Ffuuu!* Bom, agora passemos a algo mais importante".

Está na hora de você, auditor, descobrir exactamente aquilo por que ele poderia ser responsável nessa unidade de artilharia. É provável que verifique que todo o maldito incidente é fictício. Ele está a ser tão irresponsável que nem sequer lhe está a dar o incidente que ocorreu. E você começa a aprofundar esta coisa e descobre que nem sequer era a Batalha das Ardenas! Ele está a falar da primeira batalha do Marne. Até foi noutra vida. Está tão equivocado quanto isso. E caramba, quando se depara com o incidente correcto, o indivíduo não querará ter nada a ver com ele. Por mais verboso que tenha sido antes, ele simplesmente não quer ter nada a ver com o incidente correcto.

Agora, um indivíduo faz muitas vezes algo desse tipo. Ele diz: "eu não sei nada... de facto não sei nada dre... sobre qualquer ligação com o negócio da manufactura. Nunca... nunca tive muito a ver com manufactura, e por aí fora. Mmm, mas sei alguma coisa acerca da United States Steel e do seu funcionamento básico e por aí fora. O seu primeiro presidente era um tipo excepcional".

E você diz: "Bom, quem foi o presidente de General Electric? Quem foi o primeiro presidente da General Electric?"

"Bom, isso eu não sei. Não sei".

"O que... de que se trata, a General Electric?"

"Ah, eu não sei nada sobre a General Electric. A General Electric... isso é uma empresa, não é verdade? Sim, sim, é uma empresa. Muito bem. Bom, realmente parece que sei algo sobre a United States Steel. Eu li muito sobre ela nesta

vida e o seu primeiro presidente era um homem excepcional. Fez isto e fez aquilo, e por aí fora, e por aí fora", e a agulha começa a movimentar-se activamente no E-Metro, e este preclar está muito verboso acerca de toda esta coisa. Diz-lhe tudo acerca da United States Steel e do primeiro presidente da United States Steel e... e aí está. Está a ver? E a agulha move-se de um lado ao outro.

Você diz-lhe: "Como é que sabes tudo isto?"

"Ah, uma pessoa... Eu só li sobre isto, estudei, estava muito interessado na coisa".

Você diz: "Bom, que me dizes da National Biscuit Company?"

"O que é que tem a National Biscuit Company?"

"Sabes alguma coisa da National Biscuit Company?"

"Não, não sei nada sobre isso. Por que é que havia de saber algo sobre a National Biscuit Company?"

"Bem, e Carnegie? Sabes alguma coisa sobre Carnegie?"

"Carnegie? Carnegie? Quem é ele?"

Você diz: "está no negócio do aço. É conhecido como tal. Foi um dos primeiros magnatas do aço".

"Ah, sim? Sim, bom, eu estava a falar da United States Steel, sabe, e o presidente da United States Steel era um tipo excepcional e por aí fora", desbobina ele, "e é claro que os seus números de produção no ano tal-e-tal e tal-e-tal foram estes-e-estes e estes-e-estes e isto-e-aquilo e isto-e-aquilo", e por aí fora, e por aí fora e por aí fora.

Você diz: "Bom, foste o primeiro presidente da United States Steel?" sabe, e a agulha bate no pino; o PC diz: "Ah, não. Não, não, não. Não sei nada sobre isso".

"Bom, como é que tu sabes tanto sobre este homem?"

"Bom, "dá leitura, está a ver?"

O que você descobriu foi um fragmento muito peculiar de um conhecimento variável e isolado que não tem absolutamente nada a ver com o assunto. É a etiqueta pendurada. É a ponta por onde o auditor pegar. Percebe a ideia? Informação deslocada.

Agora, isso pode ir de duas maneiras. A pessoa não sabe nada sobre nenhuma empresa em lugar nenhum e não terá nenhuma conversa ou ligação com nada que se pareça com a United States Steel. Isso é um desfecho total, está a ver? Esta pessoa é uma pessoa muito bem instruída. Sabe tudo o que aconteceu. Estudou história na escola secundária e na faculdade, e sabe tudo sobre história, só que parece não saber nem uma única coisa do Renascimento. "Que Renascimento? Ah, refere-se à Reforma". "Não, não ao Renascimento". "Bem, o que é que me dizes do Renascimento? Bem, o que... o Renascimento? O que é o Renascimento?" "Bom, o Renascimento foi um período da história italiana na época medieval... moderna. É... É um período!" Sim, mas onde? Quem? O quê? O PC está simplesmente estúpido, está a ver? Simplesmente não sabe nada do Renascimento. Ora veja, qualquer pessoa conhece o Renascimento: Mas este PC não.

Isso é procurar e encontrar o inexplicável como análise de caso. O PC terá algo errado na sua sabedoria sobre o tema, o que significa que alguma coisa está mal na sua responsabilidade pelo tema. E você procura algo estranho relacionado com a sua sabedoria. Quer de mais, de menos, absolutamente nada, e por aí fora, é só isto: algo estranho na sua sabedoria sobre este tema específico. Há simplesmente algo esquisito acerca da sua "sabedoria".

Este menino sabia tocar violino aos cinco anos de idade. Ena pá, e se ele sabia tocar violino, sabe? Aos doze anos de repente atrofiou e deixou de saber tocar violino.

Quem era ele? Obviamente, é a vida em que ele está a fracassar. Há alguma coisa ali que está mal. Há um fragmento de sabedoria; sabe, este caso tem algo que não se ajusta. Portanto, você tem que conhecer casos; tem que manter os ouvidos bem abertos em relação aos casos, tem que examinar os casos, tem que inspeccioná-los com muito cuidado e nenhum sistema que eu estabeleça para si irá alguma vez resolver completamente um caso, Está a ver?, sem você lhe adicionar a sua sensibilidade.

Ora, felizmente que os seus pontos em branco não são os seus PCs. Agora, se tudo o que ele lhe diz constitui a totalidade da informação, ou acumulação ou contribuição que você vai dar à sessão... é apenas tudo o que ele diz; ele diz que percorra isto e diz que percorra aquilo e diz que... Ah, deixem-se disso! Para quê perder o seu tempo? Para quê perder o seu tempo? O que ele tem de mal foi corroborado, vez após vez. Ah sim, ele irá contar-lhe algumas das coisas que estão mal com ele o suficiente para melhorar um pouco, mas na realidade nunca atinge...

Sabe que hoje estive acordado até às cinco da manhã a auditar desobedecendo loucamente ao Código do Auditor. Quebrei um caso completamente pelo meio. Interessei-me tanto que simplesmente continuei a auditá-lo. De facto não auditei muitas horas. Só que foi uma daquelas coisas, sabe? Foi só que surgiu esta maravilhosa verborreia neste caso, e simplesmente nunca tinha ouvido tanta verborreia na minha vida. Isso foi o fim desse caso. Buum! Só que esta pessoa sabe que isso foi o fim desse caso. A propósito, nunca é o fim do caso a não ser que o PC saiba que é.

Mas vejam isto. Aqui estava um pedaço de sabedoria pendurado. Está a ver?, aqui estava uma sabedoria fora do lugar. Ou a pessoa não sabia nada sobre este tema em particular ou a pessoa sabia tudo sobre este tema em particular, mas simplesmente não podia assumir nenhuma responsabilidade pelo assunto. Entende isso?

A única maneira de poder determiná-lo é que quando quer resolver um caso, você vê que há algo de errado na sabedoria do caso e explora isso com um E-Metro. Algo que não bate certo na sabedoria do caso. A pessoa sabe demasiado sobre algo ou muito pouco, e então siga isso até ao fim e explore-o e observe esse TA.

De repente você começa a explorar pilotos de avião. Pilotos de avião... cada vez que esbarra em pilotos de avião, o TA sobe. E esbarra noutra coisa qualquer e ele simplesmente arrefece. E esbarra em pilotos de avião, e o braço de tom começa a registar em alta, e você pode fazer 2WC sobre outros temas e arrefecê-lo. Está perante algo que tem a ver com pilotos de avião, não é verdade?

Agora, você verá que... se além disso há algo de mal na sabedoria do PC acerca de pilotos de avião, já o encontraram. Será: "Pilotos de avião? O que é um piloto de avião? Ah, eu não sei nada de pilotos de avião".

"Quais são as patentes na RAF?" Está a ver?

"As patentes da RAF. Bom, lugar-tenente comandante, umm... capitão, major... "Que disparate. Nenhuma destas é uma patente da RAF, entende a ideia?

Por isso, deve estar muito atento para pôr a descoberto este tipo de coisas no PC.

Agora, há dois truques que posso dar-lhe e que o ajudarão consideravelmente. Eu também já lhe falei da identidade que se repete. Sabe, o mecanismo do Cometa Vermelho e do Raio Prateado. É a coisa mais louca com que se pode deparar, que alguma vez viu. Você está a competir contra si próprio, sabe?

E descobrirá que aquilo que o PC estabelece como objectivo do que ele realmente quer fazer, é algo que ele já fez, e se examinar os objectivos do PC nesta vida desde o tempo de criança, tudo o que ele tem querido fazer directamente até ao presente, mais ou menos... algures nesta linha vai encontrar a vida chave do que o está a prender e que não pode confrontar. Porque ele ainda está a tentar ser o que foi, mas não se atreve a ser o que foi. Agora, isso é uma verificação por Objectivos. Descubra tudo o que ele quis ser em toda a sua vida e depois verifique isso com o



E-Metro. E irá encontrá-lo algures.

Agora, uma outra pista é o seguinte: outra pista, e muito interessante, é que as últimas duas ou três vidas são pura dinamite. E se conseguir resolver um caso totalmente e levá-lo pelo caminho acima até OT ficando-se pela vida actual, está a esquivar-se a algo como um auditor.

A vida imediatamente anterior a esta, é geralmente muito mais importante do que a vida actual na resolução do caso. E se houver algo de mal com esta, a pessoa estará sempre a sentir-se amalucada. Algo correu mal. É essa última vida porque essa é a que está oculta em todas as Dinâmicas. Pense nisso. Está oculta até na primeira dinâmica. É uma contenção em todas as dinâmicas. Você tem que aumentar a sabedoria do PC para descobrir algo a esse respeito.

E em geral verificará que se o caso do PC não percorre simplesmente *drrrrrrrrr* com muita facilidade, há algo mau nas últimas duas ou três vidas, algo realmente mau, algo realmente esquisito. E não se preocupe com histórias do arco-da-velha que encontrar no final. Mais cedo ou mais tarde encontrará a história correcta. Mas encontrará algumas histórias do arco-da-velha interessantes. Por exemplo, a pessoa nem sequer nasceu na sua família actual, mas pegou no corpo durante uma operação às amígdalas quando tinha sete anos. E o resto é só pura justificação. É um acto overt contra a sua própria identidade. Acontecem coisas disparatadas como esta. Este não é um universo lógico. É meramente um universo criado.

Ora bem, essa é uma boa pista, e é um bom lugar onde andar às voltas. Sabe? Estabeleça realmente onde a pessoa está. "Quando nasceste? Quando nasceste?"

A pessoa diz de uma forma muito superficial: "Nasci? Nasci? Vejamos, nasci? Há... ora vejamos... nasci em 1925... 1925".

Você diz-lhe: "Onde estavas em 1924?"

"Hã?"

"Onde estavas em 19...?" Trata-se de alguém que não sabe nada de Cientologia, vidas anteriores nem nada disso. Para o diabo com tanto melindre pelas suas contenções!

No outro dia peguei num indivíduo que era fabricante de instrumentos. Ele entrou e eu queria mostrar-lhe como funcionava um E-Metro para que ele pudesse fazer-nos um certo trabalho num desses E-Metros. Assim, simplesmente mandei-o sentar e tirei um incidente da banda do tempo, descobri que foi há cerca de três mil milhões de anos, localizei-o exactamente no tempo e obtive o tempo exacto. Ele... muito vago... ele não sabia nada a respeito disso. Eu fi-lo percorrer Responsabilidade nisso. Percorri Responsabilidade nisso, uns quantos comandos. De repente, uma imagem que ele teve toda a vida na qual estava a olhar por uma janela mudou, sacudiu bruscamente, ele teve a tremenda sensação de se levantar da coisa, correr, atirar-se para dentro de um carro e sair disparado pela colina acima. E teve a tremenda sensação de movimento e, claro, exactamente no momento em que chegou ao cimo da colina foi quando as bombas atómicas atingiram a cidade. E ele era o vigilante e, ele evidentemente não tinha dado o sinal suficientemente depressa.

Simplesmente entrei numa sessão formal, sabe? Só: "Esta é a sessão, objectivos para a sessão, para que é que estás a olhar?" Sabe? Eu nem andei com ele nas palminhas "Isto é Cientologia, blá, blá, blá", sabe? Segui a sessão modelo à risca. "Agora, para o que é que estás a olhar?" "Muito bem, está bem. Por que parte dessa cena poderias ser responsável? É isso que vou percorrer. Vamos percorrê-lo". Eu percorri-o como um comando formal e por aí fora. "Agora vamos localizá-lo no tempo", foi o que fiz primeiro. E... "Localiza-o no tempo. Há quantos anos foi?"

"Cem mil anos? Ah, espera. Ah, ah, ah, ah". Sabe, você pensaria que ele iria ter essa reacção. Mas não, não. Ah, não, não. Ele disse: "Eu não tenho nenhuma realidade relativamente a isso. Não poderia saber há quanto tempo foi". E eu localizei-

o... sem ajuda do PC, totalmente no E-Metro. Na vez seguinte que o vi, os olhos dele tinham triplicado de tamanho. Ele tinha andado sempre por aí mais ou menos assim, sabe? Dei-lhe uma sessão de vinte minutos para demonstrar o uso do E-Metro ao seu sócio e produzi um homem novo.

Esse, a propósito, é o mecanismo que se deve usar com uma imagem imóvel. E esse é o Caso Negro. O Caso Negro está fora de combate neste momento. Acabo de publicar um boletim mais longo sobre isto. Só o menciono de passagem. A única coisa que há a fazer é descobrir aquilo para que o PC está a olhar, levá-lo a percorrer Responsabilidade nisso, e ele deixa de ser um Caso Negro. Agora activa imagens. Agora eu posso activar imagens nas pessoas assim, sem mais nem menos. Essa foi uma das coisas que nos detiveram em 1950. É muito fácil.

Lembre-se apenas de Responsabilidade relativamente à cena para a qual ele está a olhar e obtenha imagens. Pois se ele diz: "Nenhuma cena", "bem, poderias assumir responsabilidade por 'nenhuma cena'?"

"Ah, claro que posso assumir responsabilidade por 'nenhuma cena' ali".

"Bem. Essa é tua primeira resposta ao comando de audição. E agora aqui está o comando de audição seguinte...". Lá vamos nós, está a ver? De repente, o negro simplesmente torna-se vago e passa a cor-de-rosa, e passa a branco, um pouco, acontece alguma outra coisa, *zzououa*, e de repente ele está a olhar para uma fonte.

Ele diz: "Bom, estou a olhar para uma fonte", sabe? E percorre o mesmo comando mais umas quantas vezes e obtém mais alguma coisa, e por aí fora, e vai encontrá-lo lá muito atrás, lá para as profundezas do inferno, algures na banda do tempo, sabe, ele tem estado preso nalguma coisa.

Você não... não... realmente não se meta em algo mau, continue apenas a percorrer Responsabilidade, ele vem para tempo presente e simplesmente ponham isso de parte. Você tem um caso que terá imagens para sempre. Quero dizer que isto é tão simples que escapou a todos nós. O que é que se passa convosco que não me deram uma mão nisso? Dez anos. Seja como for...

Ora, a seguinte chalaça sobre verificação de casos, e chamo-lhe chalaça porque (isto é coloquial), o que você deve procurar é o travestismo como a causa mais comum da aberração quando um caso é realmente duro de correr. E quando tudo o que você pode fazer é ver que um caso é muito duro de correr, mais vale imediatamente explorar o travestismo.

Voz feminina: o que é isso?

Travestismo. Está a ver, eu uso o inglês de Chaucer, que é aquele que falamos, acho eu, e você simplesmente não o percebe. E uso um termo técnico apropriado e não você sabe o que isso é. É travestismo. Homens e mulheres trocam de roupas, e homens que andam por aí vestidos de mulher, e mulheres que andam por aí vestidas de homem. Está a ver?

Ora bem, eis o que se passa. Um thetan decide que é uma boa mulher e que dá um péssimo homem, e 50% dos corpos que esse thetan apanha são em média, corpos masculinos. E, no entanto, este thetan sabe que é uma boa mulher. Agora, tem a tarefa, nalgum ponto muito cedo na sua vida, ou até antes do nascimento ou algo do estilo, de mudar esse corpo, ou de tentar mudá-lo, ou (se não conseguir) de adaptar um corpo masculino a um papel feminino. Entende a ideia? E anteriormente na banda do tempo, quando havia menos exames médicos, era a coisa mais fácil de fazer que alguma vez viram. As pessoas passavam toda a sua vida a serem mulheres enquanto na realidade eram homens; na realidade um corpo masculino vestido e usado como o de uma mulher.

Todos me olham muito estupefactos e dizem: "Onde foi isto?" Sim, você está a brincar com quem? Muito bem, este tipo decide que ser um homem encaixa nos seus propósitos básicos, e na sua personalidade básica e por aí fora, e no entanto,

50% das vezes apanha corpos de mulher. O que é que ele vai fazer com eles? Simplesmente desistir nesse ponto, e de tudo o que ele gosta de fazer, e por aí fora, e ser mulher durante uma vida?

É uma das características dos casos mais duros de deslindar, a quem agora pergunta (este caso é uma rapariga) e dizem: "Muito bem, alguma vez foste homem?" Uma das características é dizer: "Ah, nunca. Eu sempre fui mulher. Nunca fui homem. Sempre fui mulher. Não há um único corpo masculino na banda do tempo". Ah, ah, pronto, auditor. Vamos trabalhar a partir daí, porque 50% desses corpos eram do outro sexo. Um Thetan aposta, sem dinheiro, e tenta a sua sorte. Eles até já nem põem azul ou rosa nos berços para vos ajudar a diferenciá-los. No hospital é tudo branco. Quando você põe os seus raios naquele corpo, *é tsque!*

Digamos que você se está a sair muito bem. Está a sair-se muito bem como homem. E tem sucesso e tudo sob o seu controle. Tem tudo muito bem percebido. Conhece mais ou menos as armas desse período, os negócios misteres do período, e verificou que era bastante bom em acções administrativas comerciais, e está tudo bastante bem controlado. E prepara-se para uma longa jornada, e depois, de alguma maneira cai da ponte ou atira-se contra uma espada, ou acontece algo do estilo ou a sua esposa mete-lhe à socapa um pouco mais de vidro moído do que o costume, e escorrega numa casca de banana ou é apanhados pela chuva, e esse é o fim desse mock-up, está a ver?

Bem, você está completamente preparado para ser homem, está a ver? E toma um corpo feminino. Você diz: "O que é que eu vou fazer? Aprender a cozinhar!" Bom, pense só, qualquer de vós, homem neste preciso momento, pense só em ser de repente e imediatamente confrontado com a ideia de ter que fazer todas as tarefas femininas. Sabe, tricotar e bater manteiga... Confrontado com os desportos femininos: blá, blá, blá, blá, blá. Agora, você ia com certeza tentar fazer algo para resolver isto, não é verdade? Mudaria o curso natural do corpo de uma maneira ou outra, e tentaria moldar este corpo de acordo com seus próprios gostos, do seu próprio padrão de treino, porque afinal é você que manda, e o corpo não.

E você, menina, agora, pense nisto, pense nisto. De repente a sair-se bem. Sabe cozinhar. Sabe coser. Sabe cuidar das coisas. Sabe cuidar de bebés, famílias. Sabe agradar aos homens. Têm tudo sob controlo, sabe? Você sabe de economia doméstica e outras coisas. Conseguiu o sufrágio feminino. Está tudo em ordem, está a ver? Está tudo sob controlo e de repente tem um corpo masculino. O que é que deve fazer? Aprender a jogar basebol e disparar espingardas e ser recrutada e... Há? O que é que lhe parece? Seria um choque, não seria?

Audiência: sim.

Bem, eu digo-lhe que em sociedades anteriores não havia exames médicos.

Céus, houve uma rapariga que serviu no Grande Exército de Napoleão em quase todas as campanhas até ao fim. E é considerado assombroso que, no fim, a tenham reformado. Descobriram e reformaram-na. Bem, olhe, descobriram-na. Eles descobriram-na. Quantas mais se encontravam exactamente nas mesmas circunstâncias? Piratas: houve Anne Bonny, Mary Read. Tem havido gente em... Tem havido mulheres, por amor de Deus, na Legião Estrangeira Francesa. E mesmo ao sair de Sussex lá em baixo, um contacto que eu tenho na polícia veio contar-me com ar bastante picante que tinha acabado de prender um homem que tinha servido de esposa de alguém durante dezoito anos. E ele achou isto excêntrico! Lá porque algo não é do conhecimento geral, não é razão para não ser comum. É comum. Comum como o pó. Particularmente em sociedades anteriores.

O tipo fica todo baralhado na segunda dinâmica. Não sabe mesmo se está a chegar ou a partir. Mas afinal trata-se apenas de uma vida. Ele diz: "Eu posso aguentar isto", está a ver? Sabe?, "ela" diz: "Bem, eu posso de alguma maneira passar por isto. Mas raios me partam se vou aprender a disparar espingardas! E não sei nada de treino de ordem unida e apresentar armas e não vou aprender". Percebe agora a

posição dela? Quer dizer, um thetan vinga-se.

Agora, considere alguém com um nível de dedicação bastante alto, com um propósito bastante dedicado para além de certos limites... um ou outro tipo, e que tem vindo a fazer um certo trabalho exacto ao longo de milénios, e mete-se nesta coisa e diz: "Bem, cá vamos nós outra vez. Cá vamos nós outra vez. Como é que vamos dar a volta a isto?" E fazem-no. Fazem-no. Irão ver que o vosso companheiro de armas pensa que é um dos oficiais mais bem parecidos. De vez em quando resvala por completo e casa com alguém. Eh pá, como é que vai resolver isso, sabe? Bom, há sempre uma dama de honor.

Podem ocorrer várias coisas peculiares nesta linha, e claro, estas são as mais escondidas, e todas elas consistem de overts, e a pessoa não está a assumir absolutamente nenhuma responsabilidade por elas. Assim, estas peculiaridades são, evidentemente, o ponto de arranque e ruptura dos casos. Sei de três casos, agora mesmo, nos arredores de Washington, que não correm precisamente por causa deste único facto. Dedicam-se a ser o sexo oposto. Mas esta sociedade específica tem enchido totalmente a cabeça deles de que eles tem que ser do outro sexo. Veja, agora é ilegal! Evidentemente que a lei, o que quer que isso seja, está muito, muito cansada do travestismo. Sabe? "As mulheres devem ser mulheres, compreende? E os homens devem ser homens. Compreende? E não há thetans para ninguém".

Assim, você examina um caso destes ângulos, e, o que acabo de lhe dar, vai provavelmente reduzir a pó a maioria dos casos duros com que se depara: a personalidade famosa, a acção tipo travestida. Porque, claro, um homem que está a ser mulher esconde totalmente a masculinidade, Está a ver? É uma contenção total durante vidas inteiras. E vice-versa, é uma contenção total o facto de ser mulher. Veja, uma mulher é uma contenção total e todo o tipo de coisas peculiares. Depois aparecem no sexo correcto e levam consigo algo da contenção, e acabam completamente embrulhados, de uma maneira ou de outra. E você pode dismantelar casos de toda a maneira e feitio se souber algumas destas coisas. E eu quero vê-lo a dismantelar alguns deles.

Bom, basicamente eu dei-lhe bastantes dados neste congresso. Espero que não tenha considerado muita dessa informação condenatória, porque é oferecida com grande vontade de ajudar; asseguro-lhe. Se pensa que tentei culpá-lo de todos os seus overts, tem toda a razão. Mas não o fiz como tentativa de o castigar para que seja bom. Eu quero que você seja honesto.

Eu estou muito feliz com a maneira como as coisas estão a correr. Eu próprio estou... mal consigo tirar as mãos dos PCs, porque certamente não deveria estar a auditar até às cinco da manhã, quando no dia seguinte me espera outro dia de congresso. Começo a perguntar-me o que é que eu penso que sou. Um humano, um boneco ou algo, para prosseguir desta maneira?

Bom, espero que alguma desta informação e deste material tenha sido interessante. Foi?

Audiência: sim!

E tenho grande esperança de que consiga apurar tudo como quer, e dê à vida a direcção que quiser, e a ponha sob controlo e a arrancar tal como quiser. E eu sei que o pode fazer.

Estou muito feliz por terem vindo a este congresso. Para mim este foi um dos congressos mais satisfatórios que já tivemos. Esse é o meu ponto de vista. Espero que em certa medida seja também o vosso.

---

...castigá-lo põe fora de controlo e fora do seu controlo, a coisa pela qual ele está a ser castigado, e assim tem a tendência de confirmá-la como um crime contínuo

Todo o castigo tende a confirmar que os crimes estão num estado contínuo. Quando você castigam um tipo o suficiente por alguma coisa, lá vai ele. Irá fazê-la outra vez. Você reduziram a sua capacidade de a controlar. Mandem um homem para a cadeia por roubar um carro, depois não se admirem se, quando sair da prisão, nas quarenta e oito horas seguintes fora da prisão, ele for roubar um carro. Ele sabe do que é que não se pode refrear: roubar carros. Assim vai e rouba um carro. Entendem a ideia? Ele conhece a sua área de nenhuma-responsabilidade, assim essa é a sua área de nenhuma-responsabilidade. O castigo assinalou-a por ele.